

Inclusão além das grades



(Foto: Wanda Medeiros)

INSERÇÃO SOCIAL A taxa de mortalidade por lesões autoprovocadas voluntariamente, com destaque para suicídios, atinge 4% da população idosa. O projeto Envelhecer no Cárcere, da Faculdade Asces, trabalha para diminuir esse índice dentro da carceragem

José Batista Neto

O encarceramento é uma mão de via dupla, representando o afastamento do contato com a vida social comum e o adentrar num mundo com contextos cenários, leis próprios. Para além das muralhas, grades, cadeados, um regime de horários a serem cumpridos e exigências próprias de quem tem de quitar débitos por erros cometidos. As incertezas e o medo iniciam nos primeiros portões.

Os ruídos dos cadeados que abrem ou fecham complementam

a sinfonia penitente. Com o passar dos dias, o preso vai se adaptando - ou tentando se adaptar - à estrutura interna da prisão. Neste universo, grupos se unem ou rivalizam, aceitam ou discriminam, conforme as conveniências próprias estabelecidas em códigos de conduta redigidos nas paredes ou no convívio.

A depender da quantificação da pena, alguns detentos entram no processo de envelhecimento no ambiente carcerário ou já chegam ao presídio com idade superior aos 50 anos. Em

boa parte dos casos, esses presos podem desenvolver um quadro depressivo, agravado quando rejeitado da convivência na unidade prisional. É quando mãos amigas são estendidas.

Ao primeiro contato, olhares desencontrados pela timidez ou vergonha semeada pela culpa. Os gestos concretos sinceros quebram o gelo inicial. Num universo de desconfiança, os voluntários do “Envelhecer no Cárcere” se abrem para doar e aprender com aqueles que já possuem uma boa experiência de vida.



O projeto dedicado aos idosos tem à frente o Curso de Administração Pública, da Faculdade Asces em parceria com a direção da Penitenciária Juiz Plácido de Souza, de Caruaru, e envolve professores e estudantes de (...) cursos, além do corpo administrativo da casa de detenção. As atividades oferecidas pelo Projeto são diversas, e vão desde iniciativas lúdicas, oficinas de diversos tipos a tratamento odontológico oferecido dentro do presídio graças a outra parceria entre o Curso de Odontologia da Asces e a Penitenciária.

Tudo começou quando se observou que, na Penitenciária Juiz Plácido de Souza, um grupo expressivo

de idosos integrava a comunidade carcerária, entre os quais, um número elevado apresentava quadro de depressão. O trabalho em conjunto com o Projeto de Adoção Jurídica de Cidadãos Presos, empreendido pelo curso de Direito da Asces, também proporciona acompanhamento jurídico para os presos idosos. Os alunos interessados passam por um processo seletivo.

À espera da liberdade

A contagem do tempo é regressiva para os presos. A expectativa da liberdade parece alongar-se mais devido o ócio provoca reações, como a depressão, por exemplo. Não ter o que fazer é o dilema que acompanha boa parte da população carcerária no Brasil. E a situação se agrava em relação à comunidade idosa, que é rechaçada dos grupos e guetos “de afinidade” formados atrás das grades.

Falando da importância de ocupação durante o período de cumprimento da pena de detenção, o agricultor Manoel José, 61, que está há dois anos e três meses na Penitenciária Juiz Plácido de Souza afirmou: “Se a gente ficar parado, sem fazer nada, a situação vai ficar mais difícil. Tem que se fazer uma ou outra coisa porque é melhor, não botar nada da cabeça e esperar o dia de ir embora. Se a gente se ocupa, se movimenta, o que é ruim sai da cabeça”.

O também agricultor Edson Moraes, 64, há pouco mais de um ano na mesma penitenciária, ressalta a importância da ocupação durante o tempo de detenção. A esse respeito ele declarou: “Eu sou acostumado a trabalhar no campo, com a agricul-

tura. Aqui eu não vivo trabalhando, vivo parado, então é uma atividade boa. E os presos têm que estar trabalhando e não ficar parados. O certo é isso para não ficar pensando em coisa ruim”.

Esperar a liberdade com dignidade, mesmo no avançar da idade, é uma das bandeiras do “Envelhecer no Cárcere”. A iniciativa que começou tímida, na capela do Presídio Juiz Plácido de Souza e que, atualmente, é desenvolvida no pavilhão, ajuda o apenado a liberar-se de pensamentos duros e pessimistas, como o desejo de tirar a vida. Existem registros, em diversas unidades prisionais no país, de idosos que cometem suicídio, após a evolução de um quadro depressivo ou até mesmo como resultado do isolamento social e humano que experimenta.

Segundo dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), ligado ao Ministério da Saúde e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a taxa de mortalidade por lesões autoprovocadas voluntariamente, com destaque para suicídios, atinge 4% da população idosa, dobrando esse índice na faixa de idosos com mais de 80 anos. Evitar elevar e até anular números similares dentro da carceragem também é contributo do projeto Envelhecer no Cárcere.

Humanização da profissão

Ao atravessar o portão principal, detector de metais, ferrolhos que se abrem e fecham ruidosos, os extensionistas levam na bagagem esperanças. Em contato com a realidade da população carcerária e, mais especificamente, da população idosa,



(Foto: Yngridy Pires)



Manoel José: “Se a gente se ocupa, se movimenta, o que é ruim sai da cabeça”

os alunos passam por uma experiência que os retira do lugar comum ou zona de conforto do curso universitário e os provocam a serem, num futuro próximo, agentes humanizadores dentro do específico da especialidade escolhida.

A professora Wanda Medeiros, que integra a equipe de trabalho do projeto, ressalta o envolvimento de todos na realização de eventos de rotina e em ocasiões especiais, a exemplo de datas comemorativas, como Dia do Idoso e Natal, por exemplo. “Todas as atividades são desenvolvidas com a participação ativa dos alunos que demonstram um envolvimento e proatividade de dar orgulho”, confirma a docente.

(Foto: Yngridy Pires)



Edson Moraes: “Os presos têm que estar trabalhando e não ficar parados.”

A respeito da participação no Projeto, a estudante Ana Elisa Lemos, do 3º Período de Administração Pública da Ascés, afirmou que “participar de projetos trabalha muito nos alunos a questão da humanização”. “Por mais grave o crime, eu passo a ver o lado humano” – reforçou ela, enfatizando que “a minha visão quando comecei no Projeto é completamente diferente da que tenho agora, vejo com outros olhos”. Essa mudança de visão tem, segundo ela, consequências importantes no modo de ver a profissão: “A Administração Pública tem o objetivo de facilitar a vida das pessoas. O gestor público deve estar atento aos conflitos e trabalha para o interesse das pessoas”.

A estudante Vitória Mergulhão, do 9º Período de Direito da Ascés, compartilha a mesma opinião de Ana Elisa sobre a participação no projeto. Falando do alcance do Envelhecer no Cárcere na formação profissional ela afirmou: “O interessante é que o Projeto Envelhecer no Cárcere é como um passo em direção à ressocialização dos detentos. Eu sinto que isto trabalha o meu lado humano. Não vou sair da faculdade simplesmente uma jurista, vou sair humanizada”.

Despertando talentos

É necessário despertar na população de detentos idosos o gosto pela vida, mesmo num ambiente considerado inóspito como, normalmente, é um presídio. Levá-los a descobrir e exercitar talentos ou despertar neles o interesse por atividade novas, além de um processo de interação e os demais da carceragem, serve, muitas vezes para restituir a dignidade o sentido da vida de muitos presos.

Com a ajuda do projeto, mãos que, por força das circunstâncias e dos imprevistos da vida, provocaram delitos passam a desenhar, pintar, construir peças artesanais, compor, orientar, orar, ou simplesmente se estender para acolher. E os atendidos pelo projeto aplaudem, sentem-se acolhidos e são estimulados a seguirem em frente rumo à liberdade. Muitos passam a aconselhar e dar estímulo a outros detentos, a praticar uma forma de religiosidade e a preencher o tempo com as outras atividades fixas oferecidas na Plácido de Souza, a exemplo da fábrica de vassouras e de calçados, entre outras. “A gente fica alegre, a tristeza vai embora”, afirma Manoel Silva.

O resgate da autoestima

Pano de Fundo conversou com o diretor da Penitenciária Juiz Plácido de Souza e egresso do curso de Direito da Asces, Paulo Sérgio Siqueira.

De que forma os detentos recebem o Projeto Envelhecer no Cárcere? O Projeto Envelhecer no Cárcere é muito importante, pois podemos perceber que vem resgatando a autoestima dos nossos reeducandos. Nós percebemos que muitas dessas pessoas chegam aqui com um certo nível de depressão. Nós percebemos que o projeto conseguiu resgatar a autoestima dessas pessoas. Eles hoje vivem alegres! O trabalho que vem sendo desenvolvido e as atividades que vêm sendo feitas deram mais dignidade a essas pessoas.

Quanto ao relacionamento dos participantes com os outros detentos, é possível afirmar que mudou depois do Projeto?

Com certeza. Além de resgatar a autoestima, o Envelhecer no Cárcere também conseguiu aproximar as pessoas, porque na prisão, apesar de as pessoas conviverem dentro de um mesmo espaço e, até mesmo, dentro de uma mesma cela, muitos não se conhecem, não se falam. Dormem um ao lado do outro, mas não se conhecem. O Projeto conseguiu aproximá-los. Eles conseguiram formar grupos de amigos, fazer amizades e isso diminuiu os conflitos internos. A partir do momento que você convive com alguém e não se comunica, a probabilidade de um conflito é maior, e quando você passa a interagir, en-



(Foto: Yngriely Pires)

Paulo Sérgio Siqueira, diretor da Penitenciária Juiz Plácido de Souza

tão esse índice diminui. Então isso só veio nos ajudar. Eu não lembro o dia que nós tivemos problemas com os idosos no último período.

Como é a participação dos presos no Projeto?

É impressionante. Nós percebemos o envolvimento dessas pessoas durante as atividades. Eles se envolvem bastante. Inclusive alguns detentos que apresentam alguns distúrbios mentais, nós percebemos uma melhora na situação deles com a desenvoltura de atividades.

Existem também outros projetos sendo desenvolvidos pela Faculdade Asces junto à Penitenciária. Como a população do cárcere vê esse tipo de ação?

O atendimento odontológico daqui é considerado um dos melhores do Sistema Penitenciário de Pernambuco. Eu acredito que hoje nós temos a melhor clínica odontológica, graças a essa parceria com a Faculdade

Asces. A equipe é muito dedicada ao trabalho e isso faz com que conseguíssemos elevar nosso conceito, uma vez que a unidade de Caruaru é uma Penitenciária que tem elevado número de presos, mas tem poucos problemas proporcionalmente à quantidade. Eu considero uma unidade tranquila, ainda de referência, pois não temos rebeliões. Conseguimos zerar o crack aqui e isso é um reflexo desses programas que vêm sendo desenvolvidos.

Qual a importância do relacionamento desses detentos com os participantes dos projetos?

É uma questão de extrema importância, pois tanto aqui como em qualquer penitenciária, o presídio não pode servir como um depósito humano, em que “se joga” a pessoa e ela vai ser esquecida. É preciso ter esse contato. Um dia, as pessoas que se encontram aqui hoje irão voltar para a sociedade. Então, nada melhor para que essas pessoas não percam a noção do contato externo da sociedade. Eu acho que é uma forma de contribuir, vir para cá e tentar ajudar essas pessoas, pois um dia todo mundo vai se encontrar, já que no Brasil não existe prisão perpétua.

Que mensagem o senhor deixa para os leitores da Revista Pano de Fundo?

Que a Faculdade Asces traga mais projetos para que a gente nunca perca essa tão importante parceria. Eu até já penso no desenvolvimento de outros projetos. Para mim não existe um projeto mais importante do que o outro. Eles formam uma conjuntura para promover atividades junto à população carcerária. ■